

POTENCIAIS DOS ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O ESTÁGIO NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO

Astrid Nicoly Dallagnoli

Vitória da Silva Macedo

Ana Paula Nunes Chaves

Durante o processo de formação de professores na universidade, são constantes os aprendizados sobre metodologias de ensino e o fazer pedagógico. Para tanto, os estudantes de licenciatura costumam cursar, em suas matrizes curriculares, diversas disciplinas voltadas à formação docente. É neste percurso que a identidade do estudante, enquanto futuro professor, começa a ser constituída. Também são nesses espaços que os licenciandos podem visualizar campos de trabalho e refletir sobre sua atuação profissional (LIMA; PIMENTA, 2006). Por este ângulo, é possível analisar a relevância de disciplinas voltadas ao preparo dos profissionais da educação na qualificação desses indivíduos, em particular neste texto, a disciplina Estágio Curricular Supervisionado.

A disciplina Estágio Curricular Supervisionado é um espaço de conhecimento não apenas prático e procedimental, mas também, onde os estudantes vivenciam um contato mais próximo com possíveis espaços de trabalho na área da licenciatura. De acordo com Lima e Pimenta (2006),

[...] o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. (LIMA; PIMENTA, 2006, p.6)

Para além deste espaço de conhecimento sobre a profissão e o fazer docente, o estágio se expande para um período de contato direto com a escola, sendo esta vivência um momento de extrema relevância na formação dos futuros professores, que constitui parte importante da figura docente, preparando o estudante para o mercado de trabalho e apresentando possibilidades para o desenvolvimento de suas práticas. A atuação em um campo de estágio constitui momentos em que o estagiário pode explorar e colocar em prática os conteúdos e habilidades trabalhados durante a graduação, com segurança e orientação.

Considerando a importância das experiências de estágios vivenciadas durante a licenciatura, buscamos apresentar neste texto as possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a educação geográfica e a formação de futuros professores em espaços não-formais de educação. Esta experiência foi proporcionada pelo curso de Geografia, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III.

As experiências deste estágio ocorreram durante o primeiro semestre de 2022 e as aulas práticas da disciplina foram realizadas no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), maior unidade de conservação ambiental do estado de Santa Catarina.

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro foi criado no ano de 1975 e possui 84.130 hectares, ocupa parcialmente o território de nove municípios catarinenses, além de ilhas e arquipélagos, nas regiões da Grande Florianópolis e do sul do estado. O estabelecimento e a preservação desta unidade de conservação integral teve como suporte os estudos do padre e botânico Raulino Reitz, e do botânico e ecologista Roberto Miguel Klein (IMA, 2022).

O PAEST está localizado em uma área de bioma Mata Atlântica e o nome Tabuleiro originou-se devido a uma de suas serras, por seu formato tabular no topo; e diante da rica biodiversidade e dos significativos aspectos geográficos do Parque, consideramos que este campo de estágio pode ser categorizado como um laboratório vivo, que possui relevante potencial educativo para o desenvolvimento dos conteúdos das ciências humanas e naturais; além dos altos índices de biodiversidade, o que inclui espécies endêmicas da fauna e da flora, destacando-se por sua geodiversidade expressa nos cordões arenosos, os quais datam de até 3.000 anos atrás (IBIDEM).



Em virtude de tamanha representatividade, o espaço é objeto de pesquisa, ensino e extensão de diferentes áreas e conta com um centro de visitação, situado no município de Palhoça, local onde foram desenvolvidas as atividades do estágio com o apoio da equipe de monitores, em torno da temática ambiental. Dessa maneira, o texto apresenta um relato da experiência de estágio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e, inicialmente, traz uma discussão acerca dos espaços não-formais de educação e a contribuição destes locais para o estágio em Geografia. Em seguida, apresenta as possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas vivenciadas em uma unidade de conservação.

ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394 de 1996, teve um importante papel na distinção dos ambientes formais e não-formais de educação. Com base neste documento, é possível identificar que os espaços escolares são classificados como ambientes formais de educação, compostos pelas instituições escolares da Educação Básica e do Ensino Superior. Considerando este parâmetro, pode-se compreender que qualquer local, fora dos limites dos espaços formais, pode ser categorizado como um ambiente não-formal de educação, contudo, Daniela Jacobucci (2008) destaca que, há distinções e classificações no que diz respeito à categorização destes espaços. De acordo com a autora (JACOBUCCI, 2008, p. 56 – 57),

Duas categorias podem ser sugeridas: locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas [...]. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições.

Tendo em mente as argumentações tecidas pela autora, percebe-se que, a possibilidade da realização de práticas educativas em espaços não-formais, que expandem os muros da escola, pode tornar-se um recurso interessante no processo de ensino da educação geográfica, pois as atividades de ensino realizadas em espaços não-formais facilitam a visualização *in*



loco dos conteúdos pelos estudantes, bem como, auxiliam os profissionais da educação a tornarem a disciplina mais atrativa, ao fazer uso de outras estratégias e materiais didáticos além daqueles presentes no ambiente escolar. Nesse sentido, Cavalcanti (2010, p. 3) problematiza que,

Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla.

Um bom exemplo de metodologias de ensino, que podem ser experimentadas em espaços não-formais de ensino, são as saídas de campo, uma vez que, durante as saídas de campo, o conhecimento do que é apresentado *in loco* colabora no processo de construção de um olhar geográfico, sendo assim grandes aliadas do professor, associadas aos conteúdos trabalhados em um ambiente formal, se transformam em um momento de desenvolvimento prático da disciplina, de visualização e possível compressão concreta dos assuntos que compõem os materiais didáticos de Geografia (ALCÂNTARA, 2015).

Sobre a educação em espaços não-formais, vale destacar o trabalho de Rocha e Terán (2010), que apresenta relatos de práticas desenvolvidas nestes espaços educativos no estado do Amazonas. Os autores debatem sobre como o trabalho, com estudantes, pode ser significativo quando se ultrapassa a barreira da imaginação, acerca dos assuntos retratados nas imagens presentes nos livros didáticos, por exemplo. Para os autores, os espaços não-formais de educação são locais que proporcionam a possibilidade de o estudante visualizar fenômenos espaciais na prática, podendo estes tornarem-se ambientes de estudo repletos de vida e aprendizagem.

Ainda acerca do tema, ressaltamos a pesquisa de Coimbra e Cunha (2005), que apresenta ponderações sobre o desenvolvimento da educação ambiental em unidades de conservação, que em seu trabalho, exploram os potenciais positivos da educação ambiental para além dos muros escolares, sobretudo, em espaços não-formais como parques, museus e unidades de conservação. Para isto, se preocuparam em expor as finalidades e objetivos da criação de unidades de conservação (UCs) e as semelhanças entre

suas prospecções e os ideais do ensino da educação ambiental. Segundo os autores, na Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795/1999, a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL, 1999).

Já nas Unidades de Conservação, os autores (2005) evidenciam como as práticas voltadas à promoção da Educação Ambiental ocupam um espaço central, visando desenvolver a consciência ambiental, a importância da preservação dos recursos naturais e o pertencimento ao meio, por parte da sociedade. Neste sentido, os apontamentos dos autores indicam que o empreendimento de práticas metodológicas, referentes à educação ambiental em UCs, despertam a curiosidade e causam entusiasmo pela pauta ambiental, sendo as UCs ambientes ideais para atividades de Educação Ambiental (COIMBRA; CUNHA, 2005).

Pensando em um futuro mais sustentável, a Educação Ambiental se apresenta com reflexões de grande potencial para que gerações futuras repensem suas dinâmicas de vida. Para isso, se faz necessário um trabalho progressivo e consciente, principalmente, com os indivíduos em processo de formação escolar e profissional. Assim, para Cuba (2010, p. 7):

A Educação Ambiental caracteriza-se por adotar a gestão ambiental como princípio educativo do currículo e por centrar-se na ideia da participação dos indivíduos na gestão dos seus respectivos lugares: seja a escola, a rua, o bairro, a cidade, enfim, o lugar das relações que mantém no seu cotidiano. Entendemos que o papel principal da educação ambiental é contribuir para que as pessoas adotem uma nova postura com relação ao seu próprio lugar.

Em consonância com o autor, ao pensar na gestão ambiental do próprio lugar, os gestos realizados através da educação em unidades de conservação são extremamente valorosos para a conservação, demarcação, investimento estatal em fiscalização e preservação das UCs. Neste sentido, como mencionado anteriormente, o trabalho em espaços não formais de educação pode vir a somar no movimento de salvaguarda e defesa do meio ambiente.

Após uma análise dos referenciais em torno da educação ambiental em espaços não-formais de educação, alguns questionamentos foram



preestabelecidos para nortear as reflexões estruturadas a seguir. Como as atividades vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado em Geografia poderiam extrapolar os muros das escolas? O centro de visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro poderia ser essa possibilidade? De que maneira o Parque, enquanto unidade de conservação, apresenta potencialidades educativas e pode ser conferido como um espaço não-formal de educação?

A FORMAÇÃO DE FUTUROS LICENCIADOS EM UM AMBIENTE NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO

No ano de 2022, a disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III teve como objetivo a formação do educador/pesquisador em campo, onde foram trabalhados momentos de observação, elaboração e desenvolvimento de projetos em espaços não formais de educação, neste caso, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Os primeiros momentos da disciplina contaram com a exposição do campo de estágio e da equipe do Parque composta pelo geógrafo supervisor e os monitores. Esse primeiro espaço da disciplina teve como propósito apresentar o campo de estágio aos estudantes e demonstrar as possibilidades existentes para a realização dos projetos de estágio.

Durante a apresentação do Parque, ainda nas aulas na Universidade, os estudantes vislumbravam como eram evidentes e concretos os potenciais educativos desta importante unidade de conservação do Estado, bem como, a importância deste local para a preservação da biodiversidade e geodiversidade catarinenses. Além das atividades realizadas na Universidade, a disciplina propôs atividades de estágio na unidade de conservação que englobavam tanto o acompanhamento dos projetos existentes, e em vigor, como a elaboração de uma proposta de projeto de estágio considerando as atuais demandas do local, sendo assim, diversas as possibilidades de projetos que poderiam ser desenvolvidas, desde o mapeamento de trilhas, a criação de oficinas e materiais educativos, o desenvolvimento de materiais físicos e digitais, bem como material de apoio que auxiliasse na divulgação das ações promovidas na sede do Parque.

Os anseios iniciais, da prática que aqui está sendo relatada, visavam a elaboração de um projeto de estágio que pudesse agregar conhecimento às atividades já em execução no ambiente em foco. Foi assim que, no primeiro encontro entre estagiários e supervisores, percebeu-se que as



informações sobre os projetos educativos existentes no Parque, bem como, a atuação dos profissionais em propostas educativas, não se encontravam condensadas em um material atualizado e de fácil acesso para o público geral. Notou-se, então, que essa limitação poderia dificultar o interesse do público em ser cativado pelo trabalho de educação ambiental realizado na sede do Parque, pois encontrariam dificuldades em conhecer a estrutura e projetos ali desenvolvidos.

As aulas da disciplina de estágio na Universidade estavam reservadas às orientações dos projetos desenvolvidos pelos estudantes. Já os trabalhos de campo, que ocorreram ao longo da disciplina, ocorreram no centro de visitantes/sede do Parque. Os encontros com a equipe do PAEST possibilitaram um contato mais próximo com as atividades desenvolvidas e a compreensão da maneira como os trabalhos, que viriam a ser efetivados, poderiam contribuir com as dinâmicas executadas no local.

Assim sendo, durante esses momentos no campo de estágio, os monitores do Parque realizaram atividades de educação ambiental, aplicadas para o público visitante, mas, também para os estudantes da turma de estágio e, a concretização dessas vivências demonstrou, ainda mais, a importância da divulgação das práticas educativas ali em curso, tanto para o público geral, como para profissionais da educação e instituições de ensino.

Considerando as demandas identificadas ao longo da vivência de estágio em um ambiente não-formal de educação, constatamos a necessidade de elaboração de materiais que contribuíssem para a disseminação das ações desempenhadas no centro de visitantes do PAEST. Assim, a proposta de projeto de estágio que aqui está em ênfase, foi construída de forma coletiva e contou com a participação da equipe do Parque, dos professores e estudantes da disciplina.

O projeto de estágio proposto, foi a elaboração de um material audiovisual que buscou divulgar os potenciais educativos da maior unidade de conservação do estado de Santa Catarina, como as atividades realizadas em sua sede, além da experiência de diferentes grupos com o espaço de seu centro de visitantes, deste modo, a proposta inicial tinha como objetivo disponibilizar o material de audiovisual na internet afim de demonstrar, assim, a relevância das ações para a proteção da unidade e, por consequência, contribuir para possíveis e futuros investimentos públicos realizados na UC.



Durante a execução do projeto de estágio, durante o processo de elaboração do audiovisual, o foco era abordar temas sobre a pertinência de instituições de ensino, em suas mais variadas escalas de formação, interessarem-se em visitar o Parque e utilizá-lo como objeto de estudo. A elaboração do vídeo ansiava, ainda mais, revelar para o público-alvo do material a intencionalidade pedagógica que direcionava as atividades planejadas e aplicadas na sede do PAEST, como meio de trabalhar conteúdos transversais à Geografia.

É relevante mencionar que, a proposta do vídeo, como material para atrair profissionais da educação, levou em conta o multidimensionamento proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo essa uma das principais documentações que guia a educação brasileira nas práticas vigentes a partir do ano de 2018. Em particular, realiza-se aqui menção ao que está descrito na BNCC no que diz respeito à educação territorial, contato/conexão com a natureza e espaços naturais em ambiente escolar (BRASIL, 2018).

Sendo assim, as etapas de elaboração e aplicação do projeto de estágio, que culminaram na construção do audiovisual foram: **a)** Diálogo inicial com representantes da equipe administrativa do Parque na Universidade, com o objetivo de iniciar um mapeamento das demandas do PAEST e identificar como as atuações do estágio poderiam agregar nas dinâmicas do local; **b)** Primeira saída de campo ao Parque para observar as atividades educativas realizadas na sede pela equipe de monitores; **c)** Orientação de projetos ocorrida nas aulas da Universidade, após a primeira saída de campo, direcionada a debater sobre as ideias iniciais das propostas dos estagiários; e **d)** Segunda saída de campo ao Parque e encontro com toda a equipe de orientadores, supervisores e monitores, visando discutir e aprimorar as propostas de projeto de estágio que seriam elaboradas e implementadas na perspectiva de atuação de futuros licenciados em Geografia.

É fundamental enfatizar que, a ciência geográfica esteve presente durante todo o processo de construção da proposta, pois os conhecimentos geográficos direcionavam a organização do material. Deste modo, durante a elaboração do roteiro de edição e sistematização do audiovisual, buscou-se salientar conceitos chaves da Geografia, como o Espaço Geográfico, a Paisagem, o Território, o Lugar e a Região, todos mobilizados a partir da esfera local do Parque. Para tal, foi realizado um levantamento teórico desses aspectos, por meio do estudo nos conteúdos disponíveis na página



da internet do Parque (PAEST, 2022) e do Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA).

Outro conjunto de materiais, bastante importante para o estudo das características do Parque e suas ações educativas, foram as experiências de estágios anteriores realizados no local (VIEIRA *et al.*, 2021; PEREIRA *et al.*, 2021; KERN *et al.*, 2021 *apud* MARTINS; DIAS ; CARMINATI). Os estágios no PAEST vêm sendo desenvolvidos desde o ano de 2019, quando as primeiras turmas de estagiários da UDESC começaram a vivenciar o estágio na estrutura do centro de visitantes.

Para as orientações do estágio no Parque, no primeiro semestre de 2022, a equipe de monitores que trabalha no centro de visitantes dividiu-se em duplas para orientar os estudantes. Em vista disso, o projeto de elaboração do roteiro para o material de audiovisual teve a orientação direta de dois monitores do PAEST e, de forma indireta, contamos com a orientação de outros cinco monitores. Neste sentido, torna-se imprescindível elucidar mais detalhes do estágio *in loco* no Parque para que fique claro como ocorreu a orientação coletiva.

Como mencionado anteriormente, nas etapas que antecederam as vivências no Parque, ocorreu um momento de discussão mais aprofundado sobre as diferentes propostas de trabalho de estágio. Neste espaço, toda a equipe pode conhecer previamente o que os estagiários almejavam produzir; e como consequência desse momento, alguns ajustes e adequações foram realizados nos projetos de estágio a partir de apontamentos gerais do grupo de monitores. Pode-se dizer que esse diálogo foi fundamental no processo de aprendizagem do estágio, tanto pelas trocas com os monitores orientadores, como as trocas que ocorreram entre as duplas, quando cada dupla conhecia um pouco sobre como cada colega pretendia trabalhar seu projeto.

Ainda enriquecendo os detalhes da experiência do estágio e da construção do material audiovisual, vale destacar que, os dois monitores responsáveis pelas estagiárias também tiveram um importante papel. Os monitores apresentaram, para as estudantes, alguns materiais semelhantes ao que elas estavam elaborando, porém, esses vídeos existentes haviam sido produzidos sobre o Parque em outras ocasiões, e não traziam o foco nos projetos educativos e na potencialidade do Parque como espaço de estudo ao ar livre. Os vídeos apresentavam abordagens de temáticas diferentes à proposta do vídeo que seria elaborado no estágio, contudo, os materiais



foram importantes para que tivéssemos uma base de como a proposta poderia ser desenvolvida.

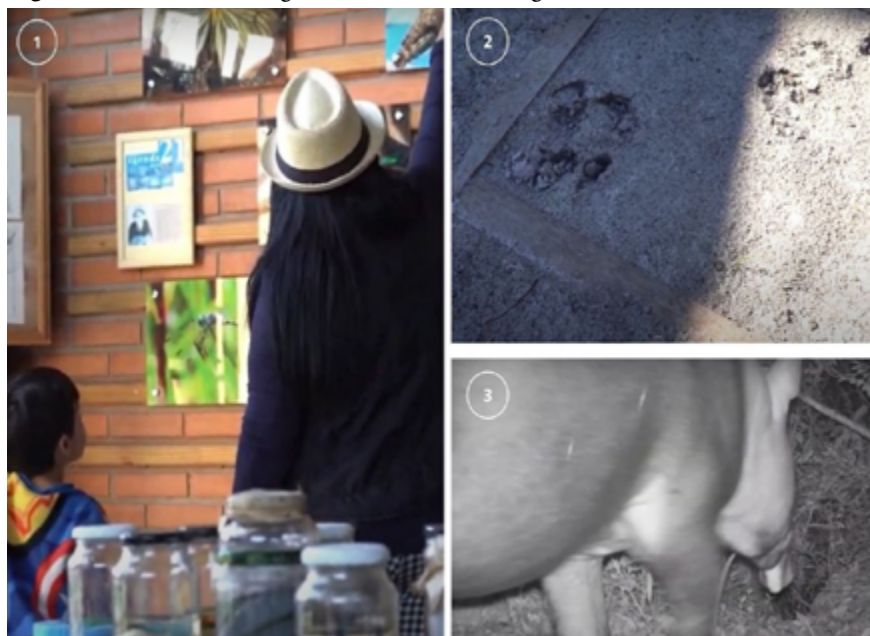
Após os encontros de orientação no Parque e na Universidade, o roteiro do material de audiovisual foi retrabalhado, buscando contemplar as sugestões da equipe, sendo também é interessante mencionar que, ainda durante a segunda saída de campo, coincidentemente, um produtor de cinema esteve presente no Parque, que demonstrou interesse pela proposta, que visava à divulgação das atividades educativas realizadas na sede do PAEST, e se disponibilizou a auxiliar nas gravações para a concepção do vídeo. Desse modo, foi preciso agendar uma terceira saída de campo para que juntos, estagiárias, produtor de cinema e equipe do Parque, concluíssemos as gravações do produto de estágio. Após esse momento, ocorreu a construção do vídeo e edição do mesmo em laboratório, para que pudesse ser apresentado no encontro final da disciplina.

O audiovisual é intitulado “Práticas educativas no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro” e possui pouco mais de sete minutos. Inicialmente, o vídeo faz uma apresentação do Parque, em seguida, profissionais que atuam no PAEST contam um pouco da rotina do local, e, por fim, frequentadores dizem de suas impressões do lugar.

Após a breve introdução, o ecólogo e membro da equipe comenta sobre as visitas no Parque (Figura 1), informando quais são os grupos frequentes, como são realizados os agendamentos e o que faz parte do cronograma das visitas guiadas. Em sua fala, desde a apresentação do parque, fica claro a intencionalidade de sensibilização ambiental nas práticas pensadas. É também nessa fala que comenta sobre a oficina de monitoramento de fauna, com armadilhas fotográficas e parcelas de rastros distribuídas pelo Parque (Figuras 2 e 3), se trabalha a percepção de que animais – de hábitos noturnos em sua maioria – ocupam aquele espaço.



Figura 1 – Visitantes interagindo com a exposição de fotografias na sede do PAEST; **Figura 2** – Pegada de anta em parcela para monitoramento de fauna; **Figura 3** – Anta em imagem da armadilha fotográfica instalada no PAEST



Fonte: Vídeo Práticas educativas no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Durante a entrevista com uma professora do ensino fundamental, que costuma realizar saídas no Parque, a oficina de monitoramento de fauna reaparece no diálogo; e segundo a professora, o que deixa as crianças mais fascinadas é encontrar animais, ou rastros desses, e relacioná-los com os aprendizados em sala de aula. Ela comenta ser perceptível um sentimento de gratidão genuína nas crianças, após as saídas de campo; e tal observação é expressa no vídeo com o relato das crianças, para quem o Parque representa uma escola livre, um espaço de brincar, e a proteção da fauna e flora.

Abrangendo as observações já apresentadas, o geógrafo que atua há 22 anos no PAEST, considera que, a força desse espaço está em sua geodiversidade, riqueza social e na capacidade de juntar pessoas em prol de objetivos comuns, pois para ele, esse trabalho colaborativo, buscando desfrutar das potencialidades do Parque, só é concretizado na construção de parcerias que visam o desenvolvimento sustentável. É nessa direção que o material produzido pretendeu divulgar o trabalho

realizado no PAEST, possibilitando ao público criar conexões e conhecer virtualmente esse espaço.

Na etapa final da disciplina de estágio, houve a apresentação de trabalhos, além dos trabalhos de estágio serem apresentados para a equipe do Parque e todos os estagiários, também foi um momento de partilha com uma turma da terceira fase do curso de Geografia da UDESC, matriculados na disciplina de Educação Ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar no estágio, em uma unidade de conservação, possibilitou despertar o olhar para outros campos de trabalho, além dos ambientes formais de educação convencionais. Ao refletir sobre a experiência, neste texto, buscou-se apresentar possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas, voltadas à educação geográfica e à formação de futuros professores, em espaços não-formais de educação.

Na oportunidade de realização de um estágio em um ambiente não-formal de educação, amplia-se a esfera de progressão profissional dos estudantes, uma vez que, os estagiários experimentam práticas de educação com diferentes grupos sociais, e não apenas os escolares.

Afinal, existe uma busca por metodologias que geram engajamento entre os estudantes, despertam sua curiosidade sobre os conteúdos disciplinares e fomentam o envolvimento com as atividades escolares, em concomitância, observa-se que, tal percepção também aparece no relato da professora entrevistada no audiovisual produzido, onde ela afirma que os estudantes voltam para sala de aula fascinados após a visita ao Parque, que está diretamente relacionada com a intencionalidade pedagógica, que sustenta toda atividade realizada pela equipe do PAEST, junto às escolas. Tal intencionalidade é o que caracteriza o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, e outras UC's como espaços não-formais de educação com grande potencial para tornar a educação geográfica mais atrativa; que também são peça-chave na promoção da educação ambiental, com diversos ideais semelhantes, procuram construir uma nova percepção da sociedade em relação ao lugar habitado.

Tal percepção incentiva uma postura mais consciente a longo prazo, ao ampliar a visualização para além das imagens da educação formal, tendo contato com os fenômenos espaciais na prática, experienciando outras práticas. Contemplando a reflexão, e realizando uma combinação



entre temáticas, é possível ver nos ambientes não-formais de educação, a viabilidade para provocar nos estudantes uma contemplação crítica desses ambientes.

Por fim, vivenciar o estágio no Parque atravessou constantemente a construção do produto final, ao produzir o material de audiovisual envolveu muito diálogo sobre a dinâmica e as particularidades do Parque, o que permitiu refletir sobre a amplitude da Educação Geográfica, por meio dos diálogos durante o processo, que não somente apresentaram o papel exercido pelo profissional dentro do Parque, mas também, do professor em exercício na educação formal que realiza práticas junto ao Parque.

Os desafios, que permearam a vivência de estágio, oportunizaram pensar e empreender linguagens alternativas para o ensino de Geografia, desejando torná-lo ainda mais significativo. Em especial, é preciso agradecer imensamente à atual equipe PAEST, a qual contribuiu ativamente durante todo o processo, e permitiu experienciar a construção coletiva de um material tão significativo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, V. Importância das atividades de campo no ensino da geografia e na educação ambiental no desenvolvimento consciência crítica do aluno. **Anais do II Encontro Fluminense de Uso Público em Unidades de Conservação, Turismo, Recreação e Educação: Caminhos que se cruzam Nos Parques**; 01 a 04 julho de 2015, Niterói (RJ) (Revista do Uso Público em Unidades de Conservação, v. 3, n. 7. Niterói (RJ): UFF, 2015, p. 85-92.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília/DF, Seção 1, n. 248, p.27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União (DOU)**: Seção 1, Brasília/DF: Imprensa Nacional, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAVALCANTI, L. de S. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento: Perspectivas Atuais – Eixo 3: Perspectiva Curriculares para o Ensino Fundamental**, Belo Horizonte/MG, p. 1 – 13, 2010.

COELHO, N. B. **Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. Palhoça/SC: Portal Palhoça, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/parque-estadual-serra-do-tabuleiro>. Acesso em: 22 jul. 2022.

COIMBRA, F. G.; CUNHA, A. M. de O. A Educação Ambiental não formal em unidades de conservação: a experiência do Parque Municipal Vítório Siquierolli. **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências – ABRAPEC 2005, Bauru/SP, 2006.

CUBA, M. A. Educação Ambiental nas Escolas. **ECCOM**, Lorena/SP: Universidade de FATEA, v. 1, n. 2, p. 23-31, jul./dez., 2010.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE DE SANTA CATARINA. **Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. Florianópolis/SC: IMA, 2022. Disponível em: <https://www.ima.sc.gov.br/index.php/biodiversidade/unidades-de-conservacao/parque-estadual-da-serra-do-tabuleiro>. Acesso em: 20 jul. 2022.

JACOBUECCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia/MG, v. 7, n. 1, 2008.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e Docência: Diferentes Concepções. **Poésis Pedagógica**, Goiânia/GO, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542.

MARTINS, R. E. M. W.; DIAS, J.; CARMINATI, C. J. (Orgs.). **Desafios e experiências construídas nos estágios curriculares supervisionados da FAED**. 1ed. Campo Grande/MS: Inovar, 2021, v. 1

PEREIRA, A. F.; POLICASTRO, C. B.; FARIA, M. A. C.; CHAVES, A. P. N. Trilhando em tempos de pandemia: experiência de estágio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro/SC. In: MARTINS, R. E. M. W.; DIAS, J.; CARMINATI, C. J. (Orgs.). **Desafios e experiências construídas nos estágios curriculares supervisionados da FAED**. 1ed. Campo Grande/MS: Inovar, 2021, v. 1, p. 225-234.

PEREIRA, B. K. T.; BORGES, C. P.; BORGES, A. P. N. A experiência de criação de um glossário ilustrado do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, SC. In: MARTINS, R. E. M. W.; DIAS, J.; CARMINATI, C. J. (Orgs.). **Desafios e experiências construídas nos estágios curriculares supervisionados da FAED**. 1ed. Campo Grande/MS: Inovar, 2021, v. 1, p. 245-255.

ROCHA, S. C. B. da; TERÁN, A. F. **O uso de espaços não-formais como estratégia para o Ensino de Ciências**. Manaus/AM: UEA Edições, 2010.

VIEIRA, B. M.; RIEDEL, B. V. M.; CHAVES, A. P. N. *Podcast do Tabuleiro: sobre a experiência de estágio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro*. In: MARTINS, R. E. M. W.; DIAS, J.; CARMINATI, C. J. (Orgs.). **Desafios e experiências construídas nos estágios curriculares supervisionados da FAED**. 1ed. Campo Grande/MS: Inovar, 2021, v. 11, p. 117-126.

